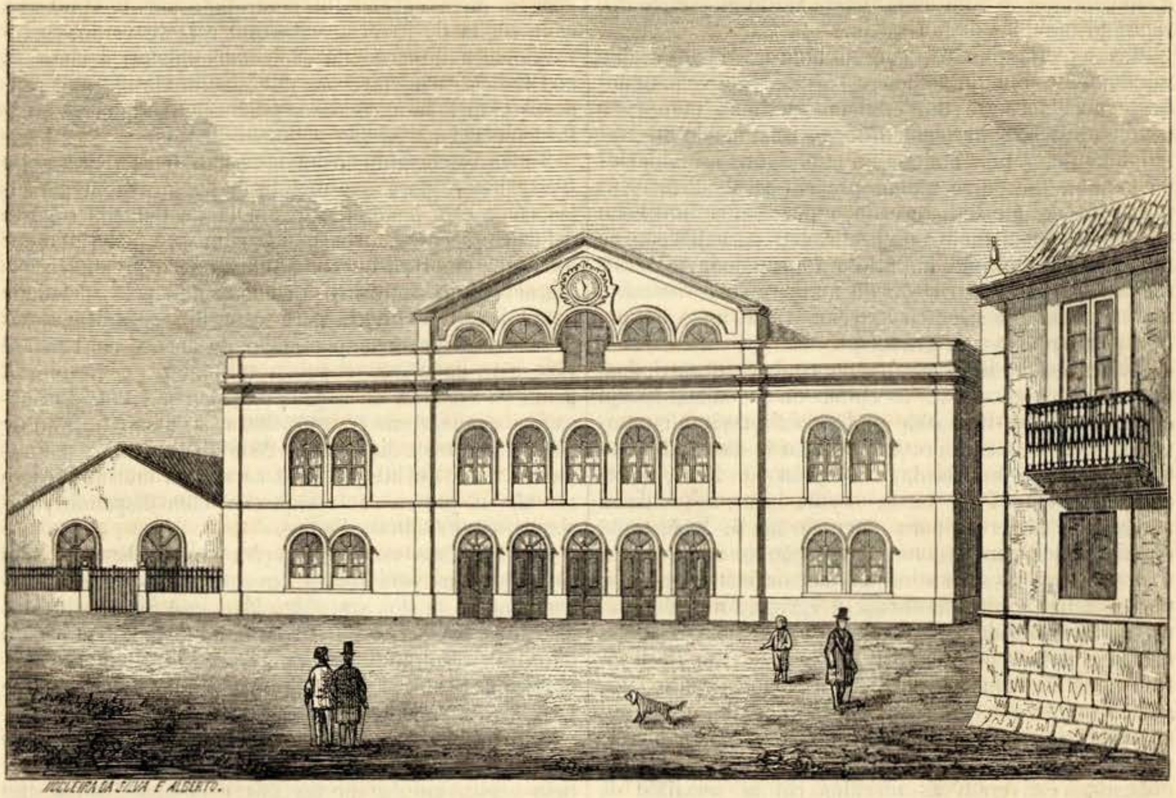


Theatro de Ponta Delgada, segundo um esboço do sr. Abranches

Ha muito que o gosto pela arte dramatica se enraizou na opulenta cidade de Ponta Delgada.

Ainda aqui se conservam agradaveis recordações de uma companhia de declamação e baile, dirigida por um tal Fidança, que ha cêrca de quarenta annos, e durante largo periodo de residencia, proporcionou uma das mais agradaveis distracções á boa sociedade michaelense.

Depois d'aquella, outras companhias de mais ou menos merito acharam bom acolhimento n'esta terra, mas á dedicação dos amadores se deve indubitavelmente uma das melhores paginas da historia dramatica na ilha de S. Miguel. Houve aqui um periodo que póde considerar-se de verdadeiro amor por aquella arte, e no qual os estimulos de emulação, accesos em peitos da mocidade, davam para ao mesmo tempo funccionarem dois theatros, o de S. Sebastião e o da Philarmonica, em que o publico gozou variedade de espectaculos dos melhores e mais apparatosos dramas da eschola classica, e em que se manifestaram não poucos talentos e vocações, que podiam ser lustre da scena se a esta carreira se dedicassem. Entre elles recordam-se ainda com agradaveis reminiscencias os nomes de Jacinto de Teves Adam, Ignacio Pedro Silveira, Herculano Gomes Machado, Filippe do Quental, Luiz Maria de Moraes, Christiano Frederico de Aragão Moraes, João Luiz de Moraes Pereira, Joaquim Antonio de Medeiros, Francisco de Sequeira, Costa Mendes, José Pereira Botelho, Joaquim Antonio de Bittencourt, José Ignacio Rebello de Medeiros, Vicente Macedo, Nectasio Polycarpo Silveira e Hermenegildo José de Abreu.

O limitado conhecimento d'estas ilhas açorianas pelas terras continentaes, e a difficuldade de communicações entre as mesmas ilhas e a metropole, eram causa de não as frequentarem companhias dramaticas regulares, o que obrigava os insulanos a provarem os seus meritos n'estes certames artisticos, incitando, com aproveitamento proprio, o desenvolvimento de sociabilidade e civilisação que o theatro proporciona.

Hoje, que as communicações se tornaram regulares, e que o conhecimento das importantes terras açorianas se vae generalisando pelo continente, as companhias de declamação succedem-se, tornando-se já uma necessidade das capitaes dos districtos, principalmente de Ponta Delgada.

O theatro de S. Sebastião, situado na rua da Louça, da freguezia matriz, foi o primeiro edificio, e o mais duradoiro, consagrado aqui á musa da scena. Construiu-se para as récitas da companhia Fidança, de que acima fallámos, fazendo-se-lhe por vezes varios reparos, que o conservaram durante algumas dezenas de annos em estado de satisfazer ao fim para que fôra destinado. Alli se poz em scena, logo que a referida companhia deixou S. Miguel, um copioso reportorio de composições de mais nomeada na epocha. Alli se deram tambem muitos concertos de musica vocal e instrumental, em que entraram alguns artistas de grande merito que visitaram esta cidade, como Ribas, Land, Robio, Cazellas e Pfeiffer; ouvindo-se egualmente, no meio de geral applauso, a primeira peça lyrica em portuguez *Haydé*, poesia do sr. Luiz Filippe Leite, sendo a acção d'esta peça extrahida da celebre novella de Alexandre Dumas *O conde de Monte-Christo*, e a musica composta pelo violoncellista Cesar Augusto Cazella, e por sua esposa mad. Cazella. Achavam-se então estes artistas em Ponta Delgada, onde se lhes fez bom partido por mais de um anno para leccionar em piano e canto, em que eram distinctos, principalmente mad. Cazella, que possuia linda voz e mimo na execução. Com os elementos musicaes que encontraram e outros que tentaram aperfeiçoar, abalançaram-se, pois, a difficil mas applaudida empreza,

dando a primeira recita da *Haydé* em 10 de maio de 1852, e outras em noites posteriores, o que foi uma apreciavel novidade para os *dilletanti* da primeira cidade açoriana, e uma tentativa de muito merecimento, segundo opiniões auctorisadas.

Mas aquelle theatro, com a honrosa historia que rapidamente lhe deixâmos esboçada, posto não podesse considerar-se um edificio acanhado nem falto das condições requeridas em taes casas, sendo até, relativamente, muito melhor do que alguns secundarios da capital, tornou-se menos proprio para satisfazer ás necessidades que tinha creado, e por isso se inutilisou em 1859, como meio de se abreviar a realisação de um pensamento que ha muito impressionava geralmente — o da construcção de mais vasto e condigno templo a Melpomene. É o exterior d'este novo templo que apresentâmos na gravura.

Edificou-se no local geralmente conhecido por *S. José Velho*, por existirem alli as ruinas da profanada egreja de S. José, que fôra séde da freguezia assim denominada. Esta freguezia creou-a o bispo D. Pedro de Castilho, e a egreja referida, começada em 1584, só se completou em 1714. N'este mesmo local, antes de se abrirem os alicerces para o templo de S. José, tinha existido uma ermida com a invocação de Santa Clara.

Pouco depois da extincção das ordens religiosas, por se achar muito arruinada a egreja, foi a séde parochial transferida para o templo dos frades franciscanos, e depois profanado o de S. José. Em 1850 foram aquellas ruinas concedidas á sociedade dos amigos das letras e artes de Ponta Delgada, para alli construir um alcaçar para escholas e outras obras; mas não podendo realisar o plano pela despeza a que obrigava, estiveram as mesmas ruinas servindo de armazem para caixaria de fruta até 1860, em que, por accordo entre a sociedade que d'ellas tinha posse, e a sociedade theatral, já então instituida, se escolheu o local para o fim a que hoje serve.

Começou a demolição do velho e arruinado edificio em agosto de 1861, e em dezembro seguinte se deu principio á nova edificação.

Em 2 de junho de 1864 já o estado d'ella permittiu que no salão nobre se realisasse um concerto musical por cavalheiros amadores e damas da primeira sociedade; e em 5, 12 e 17 de novembro seguinte se deram no palco alguns concertos, tambem por cavalheiros e damas da sociedade mais culta d'esta terra, sendo a beneficio das obras do mesmo theatro o avultado producto d'estas diversões, servindo então de ensaiador e director o sr. Angelo Frondoni, artista bem conhecido na capital.

A 25 de março de 1865 inaugurou-se a primeira epocha dramatica, o que se não effectuou mais cedo por difficuldade em contratar a companhia. Durou esta epocha até 31 de julho, constando de 43 récitas, nas quaes se pozeram em scena 9 dramas, 1 tragedia, 10 comedias-dramas, 28 comedias, 8 scenas comicas, 3 poesias dramaticas e 3 poesias comicas.

A segunda epocha, principiada a 16 de outubro de 1865, e terminada a 26 de junho de 1866, constou de 94 récitas, sendo 64 de assignatura, 15 extraordinarias e 15 beneficios, representando-se 11 dramas, 1 oratoria, 11 comedias-dramas, 42 comedias, 11 scenas comicas, 2 dialogos comicos, 3 cançonetas comicas, 1 tyroleza, 1 magica, 8 poesias dramaticas e 2 disparates. Nos ultimos dois mezes d'esta segunda epocha fez parte da companhia dramatica o festejado actor Francisco Alves da Silva Taborda, representando, em 20 noites, 19 composições diversas. Além dos espectaculos mencionados, tem havido no theatro, nos referidos annos, bom numero de bailes de mascaras, divertimento que devéras enthusiasma os pontadelgadenses.

Esteve o edificio arrendado na primeira epocha por 50$000 réis mensaes, e na segunda por 1:400$000 réis em dinheiro, e outros accessorios que fizeram elevar aquelle rendimento a cêrca de 2:000$000 réis. Para a nova epocha foi contratado por 12$000 réis cada récita de inverno e 6$000 réis de verão, reservando-se a direcção da sociedade theatral a empreza dos bailes carnavalescos, que costumam ser mui rendosos. Em toda a segunda epocha houve uma assignatura mensal excedente a 500$000 réis.

Todas estas minuciosidades estatisticas vem a pello n'este logar, para que melhor se possa avaliar por ellas como está generalisado em Ponta Delgada o gosto pela arte scenica, e os meios com que poderá contar qualquer empreza ou companhia que o pretender explorar. O novo theatro foi construido pela sociedade denominada *theatral*, para este fim organisada. Os fundos obtiveram-se por meio de acções de 12$000 réis, por donativos e pelo rendimento do mesmo. A primeira emissão de acções excedeu a 1:000. Foi orçada a despeza em 12:000$000 réis, mas em julho de 1865 tinham-se dispendido 25:626$025 réis; actualmente mais de 30:000$000 se acham consumidos, e calcula-se que se não completará com dispendio inferior a 40:000$000 réis.

Os trabalhos da construcção e administração tem sido dirigidos pela zelosa direcção da sociedade theatral, composta dos srs.: dr. João José Silva Loureiro, dr. Jacinto Soares de Teves Adam, dr. Ernesto do Canto, dr. Jacinto Soares de Albergaria, Clemente Joaquim da Costa, Filippe de Andrade Albuquerque e Luiz de Bittencourt Corte-Real.

Não estando isento de alguns pequenos defeitos de construcção, o theatro de Ponta Delgada é, comtudo, pelo aceio, amplas proporções e commodidades, um dos primeiros edificios do seu genero, dos de segunda ordem, em o nosso paiz, e incontestavelmente o primeiro dos Açores.

O risco é devido aos srs. Pedro Augusto Serra e Herculano Gomes Machado.

Tem de extensão 44^m,70 e de frente 26^m. É de 11^m o comprimento da sala (platéa), tem 9^m a largura do proscenio, medindo o palco de comprimento, desde a ribalta, 17^m.

Conta 52 camarotes divididos em tres ordens, e por sobre elles uma galeria com 180 logares. A platéa geral tem 223 logares, e a superior 42 cadeiras, podendo proporcionar mais 20 logares a primeira e 4 a segunda. Apenas 6 ou 8 camarotes accommodam menos de 6 pessoas, podendo outros admittir mais, sendo os de frente e os dois de boca, na primeira ordem, muito espaçosos.

Tem largos e altos corredores, escadas suavissimas, amplo café (designado á esquerda da gravura no plano inferior a um gradeamento), salões de entrada, nobre e de pintura, medindo cada um 12^m de comprimento e 7^m,50 de largo; e, além d'isto, espaçosos quartos para camaroteiro, para arrecadação de chapéos e bengalas, para *toillete*, etc. São independentes as entradas para a platéa, camarotes, galeria, palco e café.

É illuminado por um lustre muito elegante, vindo da America, de 64 luzes de petroleo. O scenario foi pintado pelos srs. Candido José Xavier e Hercules Lambertini, vindos o primeiro de Lisboa e o segundo do Porto. O sr. Xavier tomou a seu cargo as vistas de architectura, e o sr. Lambertini as de paizagem, e em todos os trabalhos tem revelado estes artistas notavel habilidade.

Pelo que fica posto, é, portanto, facil de ver que, na especialidade de theatro, a cidade de Ponta Delgada coisa alguma tem que invejar as cidades provincianas do continente, excedendo muitas d'ellas na diffusão do gosto pelos attractivos da formosa arte dramatica.

Ponta Delgada, 31 de agosto de 1866.

F. M. Supico.

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

(Vid. pag. 283)

VIII

Não se limitaram a esta as injustiças inspiradas ao grande homem que biographámos, pelo louco amor que tinha a seu filho. Poderemos até dizer que foi a causa unica de algumas faltas que maculam o seu procedimento, aliás tão justiceiro, prudente e leal. Em quanto D. Lourenço viveu, sempre lhe confiou os mais honrosos commandos em prejuizo de outros officiaes, não menos dignos. Depois da desastrosa morte do mancebo, a dor profunda que esse acontecimento lhe causou transformou a sua habitual humanidade n'uma ferocidade sanguinaria que encheu de pavor a India, e contribuiu para accender contra os portuguezes os odios mais implacaveis.

Commetteu, pois, o vice-rei outra injustiça. Fôra D. Lourenço com a sua esquadra cruzar diante das costas de Cambaya; constou-lhe que no rio de Dabul estavam muitas naus de Calicut; levado pelo seu enthusiasmo juvenil, quiz forçar a barra para as ir queimar; segundo parece, o moço general tinha effectivamente razão, e a empreza, sendo gloriosa, não apresentava difficuldades insuperaveis; mas os capitães dos seus navios, que elle reuniu em conselho, ou por demasiada prudencia, ou, o que é mais provavel, porque, descontentes do vice-rei e ciosos de seu filho, quizessem a todo o custo contradizel-o, foram unanimemente de opinião que se não fizesse a tentativa; debalde D. Lourenço exaltado lhes expoz as razões que militavam a favor do seu desejo; o conselho persistiu no seu voto. Ora o vice-rei, para colorir a falta que commettia subordinando a um chefe tão novo capitães mais velhos e experimentados, ordenára-lhe que nada fizesse sem consentimento dos seus subalternos. Portanto, D. Lourenço, chorando de raiva, mandou lavrar a acta da decisão do conselho, fel-os assignar a todos, e assignou tambem vencido. Depois fez-se de vela para Cochim, onde contou a seu pae tudo quanto se passára.

O vice-rei, adivinhando o motivo que dirigíra os fidalgos, encolerisou-se extremamente, e praticou um acto que era uma verdadeira arbitrariedade. Mandou-os pôr a ferros *por terem aconselhado mal o seu capitão-mór.*

Ora esta injustiça era uma consequencia necessaria do erro commettido dando a D. Lourenço o commando nominal, e, portanto, a gloria da expedição, e a um corpo collectivo as difficuldades verdadeiras da suprema direcção dos movimentos. Era tirar a responsabilidade ao chefe, a quem na realidade competia, para a ir dar a um corpo, por sua natureza irresponsavel, cujas attribuições devem ser simplesmente esclarecer o commandante, e cujo voto não póde passar de deliberativo. Se assim não fosse, era escusada a nomeação de um capitão-mór.

Mas acontecimentos mais graves iam surgir e desviar a attenção dos portuguezes de lamentaveis dissidencias, onde todos eram dignos de censura. Devemos dizer tambem que a desculpa d'esta injustiça do vice-rei está na má vontade manifesta dos fidalgos, mais occupados dos seus resentimentos do que do serviço da patria, e na disposição constante que mostravam de contrariar e embaraçar a administração de D. Francisco de Almeida.

Morrêra o rajah de Cananor, e o que lhe succedêra, ainda que não ousasse insurgir-se abertamente contra a nossa preponderancia, mostrava-se muito inclinado a favorecer os moiros. O vice-rei, conhecendo estas disposições, e não tendo ainda podido construir fortaleza em Cananor, apressou-se em mandar para lá o capitão nomeado para essa fortaleza, Lourenço de Brito, com um reforço que habilitasse os portuguezes a resistirem a qualquer ataque imprevisto, em quanto o vice-rei, avisado da revolta, não corresse a auxilial-os.

Não tardou muito a rebentar a explosão; o rajah de Cananor, mostrando sempre grande desejo de conservar a alliança portugueza, afastou-se da capital pretextando a necessidade de tratar da sua saude vacillante, e, para melhor lançar fóra dos seus hombros toda a responsabilidade, fingiu cair doente no sitio para onde fôra residir.

Logo os moiros se sublevaram, e cercaram os portuguezes na feitoria apenas defendida por uma fragil tranqueira. Para cumulo de desventuras, entrava o inverno, com cujo auxilio os moiros haviam contado, e o soccorro promettido pelo vice-rei não pôde, por mais esforços que tentasse, affrontar as iras do mar tempestuoso.

Mas Lourenço de Brito e os seus soldados mostraram-se dignos das gloriosas tradições de Duarte Pacheco. Foi o cêrco de Cananor um dos mais brilhantes feitos de armas das nossas guerras indianas. Abrigados apenas por um pequeno e provisorio entrincheiramento protegido por algumas peças de artilheria, reduzidos á força de trezentos homens, e lastimando até não serem menos numerosos, porque a fome fazia-se sentir, e as poucas provisões que obtinham eram conquistadas á ponta da espada nos entrincheiramentos dos moiros, sustentaram os nossos valentes maiores, dirigidos por Lourenço de Brito, um longo cêrco todo o inverno, vendo o horisonte cerrado pelas procellas, não tendo a minima esperança de soccorro, e expondo-se a perigos incriveis para obterem os alimentos, desde que os inimigos, percebendo que as nossas sortidas tinham apenas por fim abastecerem-se os sitiados de provisões de boca, haviam tomado a resolução de não conservarem nos entrincheiramentos avançados o mais pequeno deposito de mantimentos. Depois de soffrerem privações, inclemencias, depois de repellirem assaltos furiosos, foram a final os valentes descercados por um soccorro imprevisto. Um acaso feliz fizera aportar a Cananor a esquadra que vinha do reino, que invernára nas costas africanas, e que tinha por commandante Tristão da Cunha, o mesmo que estivera nomeado para vice-rei da India, nomeação que fôra impedida por uma doença que o cegára, e que vinha agora, completamente restabelecido, servir a sua patria debaixo das ordens de outro homem, no sitio onde elle estivera para exercer o supremo commando.

Louva-se muito, e justamente se louva, o procedimento do marechal Canrobert, o qual, vendo no cêrco de Sebastopol que se não podia entender com lord Raglan, commandante do exercito inglez, e não querendo, por essa desintelligencia, prejudicar o serviço da França, resignára o commando nas mãos do general Pelissier, e fôra, serena e simplesmente, pôr-se á testa da sua antiga divisão, continuando a servir, no exercito que commandára, debaixo das ordens do seu antigo subordinado.

Como vêem, não podem os estrangeiros apontarnos uma acção heroica dos seus annaes, sem que lhes mostremos nos nossos acção identica. O procedimento de Tristão da Cunha parece-me que póde afoitamente competir com a abnegação do marechal Canrobert.

Logo depois de Tristão da Cunha, como levantára a invernia, appareceu o vice-rei em pessoa, seguido, com poucos dias de intervallo, por seu filho D. Lourenço. É facil de imaginar qual fôra o terror dos moiros. Haviam desapparecido como por encantamento. Entretanto, o rajah de Cananor punha em pratica a politica habitual dos chefes indianos. Jurou que tudo se fizera contra sua vontade, que de nada fôra sabe-

dor, porque estava longe da sua capital, doente e enganado pelas pessoas que o rodeavam, mas que iria castigar exemplarmente os musulmanos, se elles não se tinham posto já a abrigo da sua colera. O vice-rei, habil como sempre, dissimulou e fingiu acceitar as desculpas do indio, fazendo-lhe, comtudo, sentir por algumas insinuações transparentes, que não fôra logrado por uma astucia já velha. Assim, mostrando-se satisfeito com as desculpas do rajah, salvaguardava a honra da bandeira portugueza sem se envolver em nova guerra, que seria prejudicial ao nosso commercio, principalmente n'essa epocha do anno, em que se principiavam a fazer as carregações; por outro lado, empregando uma linguagem ambigua, mas em que se sentia a ameaça, como n'um ceo nebuloso e carregado se presente o relampago e o trovão, infundia um vago terror ao chefe indiano, que não tinha a consciencia tranquilla, suspendia-lhe sobre a cabeça uma verdadeira espada de Damocles, e obrigava-o a fazer quanto os portuguezes quizessem, para evitar que a tempestade rebentasse. D'esta fórma se construiu a fortaleza de Cananor, sem que o rajah ousasse pôr a minima dúvida, e apesar de todas as tentativas que os moiros subrepticiamente fizeram para embaraçarem o proseguimento da obra.

Terminado este negocio, voltou D. Francisco para Cochim, levando debaixo das suas ordens Tristão da Cunha. Duas coisas tinha de fazer pelo caminho: destruir uma nova esquadra que o samori de Calicut preparava para se vingar da terrivel derrota que o vice-rei lhe infligíra, como estreias do seu governo, e desfazer a fortaleza de Angediva, que se reconhecêra inutil e dispendiosa. A armada do samori queimou-a toda em Panane depois de um brilhante combate, em que seu filho, como sempre, muito se distinguiu, e em que tambem se tornou notavel pela sua precoce bravura o futuro e celebre governador da India, Nuno da Cunha, filho de Tristão da Cunha, criança então de uns doze ou treze annos, e que teve a honra de ser armado cavalleiro, em tão tenra edade, pela mão do proprio D. Lourenço. A este, mais que a nenhum outro, se póde applicar o famoso verso do tragico francez que tantas applicações tem recebido:

La valeur n'attend pas le nombre des années.

Desfeita a fortaleza de Angediva, recolheu-se o vice-rei a Cochim, onde o esperava um negocio para cuja resolução era necessaria toda a sua energia e toda a sua finura, negocio em que os funestos germens da insubordinação, que vimos lavrar nas fileiras portuguezas, principiavam a dar o seu fructo amaldiçoado.

Queremos fallar da celebre dissidencia que houvera entre Affonso de Albuquerque e os seus capitães, dissidencia cujo resultado fôra o ter-se visto o grande capitão obrigado a levantar o cêrco de Ormuz, por lhe desertar a maior parte dos navios da sua esquadra!

Não queremos protrahir esta biographia, já talvez demasiadamente extensa, com digressões, por mais tentadoras que ellas sejam quando tem por assumpto o vulto mais notavel da nossa epopéa indiana — Affonso de Albuquerque. Comtudo, não nos podêmos eximir a relatar a origem do grave negocio que o vice-rei se viu obrigado a resolver.

Affonso de Albuquerque viera de Portugal na armada de Tristão da Cunha; trazia ordens del-rei para se separar do seu capitão-mór nas costas da Africa Oriental, de ir fundar uma fortaleza em Socotorá, de se dirigir depois sobre Ormuz, cidade riquissima, centro do commercio entre a Persia e a India, e de ver o modo como poderiamos tirar o maximo proveito d'esse trato. Affonso de Albuquerque pensava já no seu vasto projecto de um imperio indiano; Ormuz sorria-lhe como um dos vertices do immenso triangulo em que tencionava encerrar a Asia subjugada. Este vasto plano assustava, como depois veremos, o espirito elevadissimo, o bom senso profundo de D. Francisco de Almeida, que não tinha, devemos confessal-o, o genio do seu successor. Affonso de Albuquerque era um verdadeiro fundador de imperios, era um d'estes genios collossaes, como o de Cesar, como o de Carlos Magno, como o de Alexandre, como o de Napoleão. Não trepidemos diante do parallelo; para que esta aguia podesse desprender afoita o seu possante vôo, seria necessario apenas que fosse chefe supremo de um paiz, e não subdito de um rei de espirito acanhado. Affonso de Albuquerque esteve quasi realisando o sonho que Napoleão um instante phantasiou, quando viu pensativo espraiar-se nos areiaes do Egypto a sombra agigantada das pyramides. Mas reinava D. Manuel em Portugal, e o perseguidor dos judeus, se Affonso de Albuquerque lhe revelasse o seu projecto, cairia fulminado, como a timida Semele quando Jupiter lhe appareceu em todo o seu esplendor olympico.

Embebido, pois, n'estes vastos pensamentos, não queria Affonso de Albuquerque desviar-se da linha que pretendia seguir, nem sacrificar a realisação de um sonho querido a mesquinhos calculos de negociantes. Não diremos a habilidade politica e militar que Affonso de Albuquerque desenvolveu n'este cêrco; diremos apenas que estava proximo de conseguir o seu fim, e que, para o conseguir, desprezára um tributo opulentissimo, que o soberano de Ormuz offereceu pagar ao rei de Portugal, quando os seus capitães, incapazes de comprehender as suas vistas, julgando loucura rematada a rejeição das pareas, e vendo os seus interesses prejudicados pela demora do assedio, começaram a murmurar, e dos murmurios passaram á insubordinação aberta. Affonso de Albuquerque era severo e facil em se exaltar. O desgosto de ver o seu plano gorado, quando estava quasi empolgando o primeiro fusil da sua cadeia, irritou-o em extremo; commetteu a imprudencia de maltratar João da Nova por palavras e acções. É de crer que elle o tivesse merecido bem. Encontrâmos sempre este fidalgo como cabeça de motim, ora contra Affonso de Albuquerque, ora contra D. Francisco de Almeida.

Em todo o caso, Affonso de Albuquerque não andára com acerto, e o deploravel excesso a que se deixára arrastar foi o pretexto de que os tres capitães da sua frota se serviram para desertarem de noite e virem a Cochim apresentar-se ao vice-rei, accusando Affonso de Albuquerque de traidor, de concussionario, e de quantos crimes lhes aprouve attribuir a essa aguia sublime, cujo vôo elles não ousavam acompanhar. Esses tres capitães chamavam-se: Affonso Lopes, Manuel Telles e Antonio do Campo.

Eis os funestos effeitos do procedimento real. Nunca elles ousariam commetter uma acção d'estas, se não soubessem por experiencia como na corte de Lisboa se estava prompto sempre a dar ouvidos á intriga, a fazer obra por ella, e a tirar a força aos delegados supremos do poder real!

D. Francisco de Almeida não era da laia dos cortezãos, e estava pouco disposto, pelo que succedia a cada passo com elle, a proteger insubordinações. Demais, conhecia Affonso de Albuquerque e prestava-lhe justiça. Se depois teve com elle dissensões lamentaveis, foi porque o desgosto immenso que lhe causou a morte de seu filho exacerbára, azedára o seu genio e o tornára sombrio e irritavel.

Comtudo, as accusações que os tres capitães formulavam contra Affonso de Albuquerque eram tão graves, que D. Francisco de Almeida não ousou proceder contra elles antes que a chegada de Affonso de Albuquerque esclarecesse a questão. Comtudo, tratou-os com muita severidade, estygmatisou vivamente o seu pro-

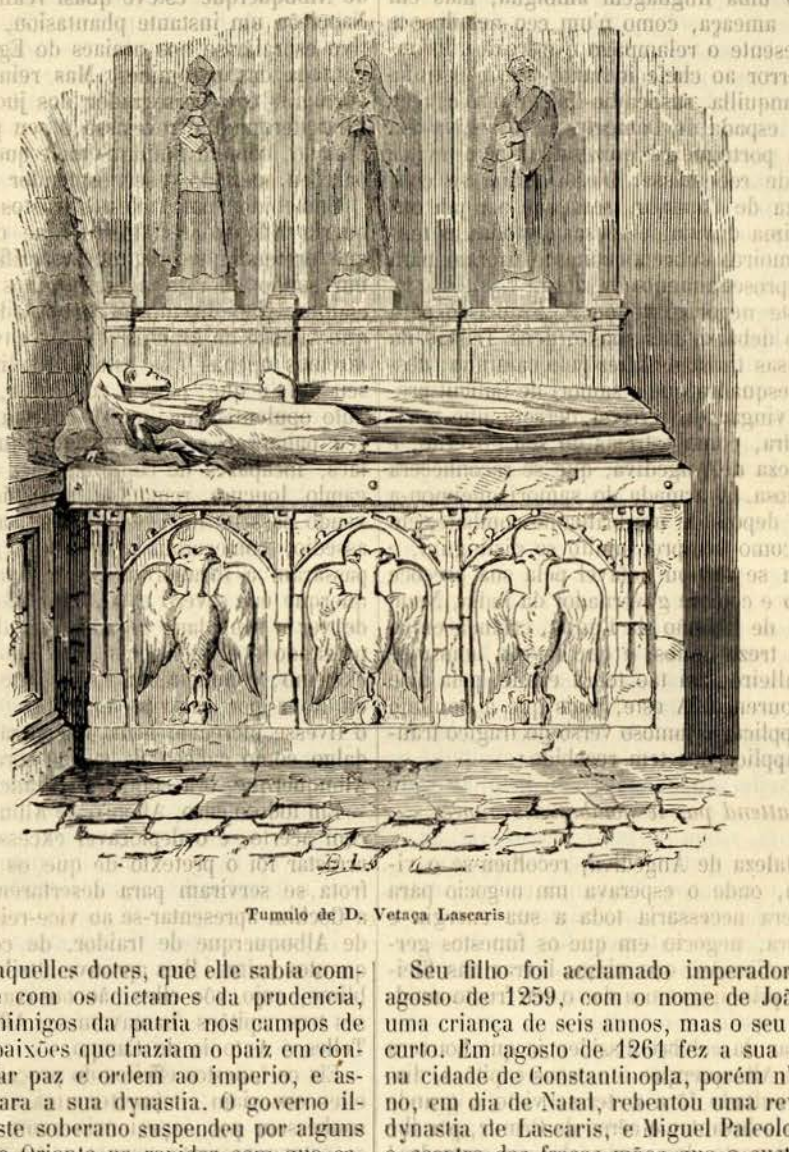
cedimento, que a injuria mais violenta não podia justificar, e mandou-os depois na armada que seu filho D. Lourenço commandava, e que saíra de Cochim para ir, como de costume, perseguir os navios de Calicut, e escoltar os navios dos nossos alliados que negociavam na costa de Guzarat.

Quem diria ao extremoso pae, quando á porta da fortaleza de Cochim, debaixo da ramada, abraçava esse mancebo cheio de vida, de ardor e de mocidade, que seria esse o ultimo abraço, e que não mais tornaria a ver n'este mundo o filho que adorava?

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

D. VETAÇA LASCARIS

Achando-se o imperio do Oriente, no principio do seculo XIII, dilacerado e enfraquecido pelas discordias intestinas e pelas guerras com as nações visinhas, conseguiu Theodoro Lascaris apoderar-se das redeas do estado. A antiguidade e nobreza da familia de que descendia, o valor de que era dotado, e a firmeza e energia do seu caracter, facilitaram-lhe a conquista. No anno de 1206 foi acclamado imperador na cidade de Nicea.



Tumulo de D. Vetaça Lascaris

Pondo em acção aquelles dotes, que elle sabia combinar perfeitamente com os dictames da prudencia, logrou vencer os inimigos da patria nos campos de batalha, refrear as paixões que traziam o paiz em continuos alvorotos, dar paz e ordem ao imperio, e assegurar o throno para a sua dynastia. O governo illustrado e forte d'este soberano suspendeu por alguns annos o imperio do Oriente na rapidez com que caminhava para a sua ruina.

Fallecendo Theodoro Lascaris em 1222, succedeu-lhe na coroa seu genro, João Ducas Vetace. Por morte d'este, em 1255, subiu ao throno imperial seu filho Theodoro Lascaris, cognominado o *Moço*, para differença de seu avô. Do seu casamento com a princeza Helena, filha de Azão, rei da Bulgaria, teve um filho chamado João Lascaris, e uma filha por nome Irene.

Theodoro Lascaris, o *Moço*, herdára algumas das brilhantes qualidades que distinguiram seu avô, realçadas pela generosidade de seu animo, e pela protecção que concedia aos sabios e aos artistas. Porém todos estes dotes eram offuscados pela impetuosidade de seu genio e pela crueldade do seu caracter. Ao cabo de tres annos de reinado, contando apenas trinta e seis de edade, morreu, victima de ataques epilepticos.

Seu filho foi acclamado imperador em Nicea, em agosto de 1259, com o nome de João IV. Era então uma criança de seis annos, mas o seu reinado foi bem curto. Em agosto de 1261 fez a sua entrada solemne na cidade de Constantinopla, porém n'esse mesmo anno, em dia de Natal, rebentou uma revolução contra a dynastia de Lascaris, e Miguel Paleologo, arrebatando o sceptro das fracas mãos que o sustinham, mandou arrancar os olhos á pobre criança a quem acabava de despojar da coroa, e, em seguida, da liberdade.

Alguns amigos dedicados da sua familia poderam salvar a princeza Irene Lascaris, sua irmã mais velha, conduzindo-a occultamente para Italia. Irene foi pedir asilo á republica de Genova, que se compadeceu do seu infortunio, offerecendo-lhe generosa hospitalidade.

A princeza gozou ahi alguns annos de paz, e chegou a sorrir-lhe a fortuna, dando-lhe por esposo um valente e nobre fidalgo genovez, chamado Guilherme, conde de Vintemilhas, e concedendo-lhe por primeiro fructo d'essa união uma menina, a que pozeram o nome de Vetaça, em memoria de seu avô, o imperador João Ducas Vetace. Porém em breve se cançou a sorte de lhe ser prospera. Perseguida por novas des-

ditas, viu-se obrigada aquella princeza a mudar de terra de exilio, e a procurar logar mais longinquo e mais seguro contra as machinações de seus inimigos. Escolheu a corte de Aragão, e lá foi refugiar-se com sua filha.

Acolhidas benevolamente por el-rei D. Pedro III, a joven D. Vetaça encontrou uma verdadeira amiga na infanta D. Isabel, filha d'aquelle monarcha.

Passado pouco tempo, tendo-se ajustado o casamento d'esta princeza com o nosso rei D. Diniz, veiu D. Vetaça para Portugal, em companhia da princeza, já rainha, D. Isabel (1282).

A santa esposa de D. Diniz não poupou beneficios nem carinhos para fazer esquecer á sua amiga os infortunios que pesavam sobre ella e sua familia. E, com effeito, D. Vetaça achou em Portugal uma segunda patria, e a sua gratidão soube pagar esses favores com a mais leal dedicação pela familia real, servindo-a em importantes cargos. Encarregando-se dos cuidados e primeira educação do joven infante D. Affonso, que succedeu no throno com o nome de D. Affonso IV; promptificando-se mais tarde a acompanhar a Castella, na qualidade de camareira-mór, a rainha D. Constança, filha del-rei D. Diniz, que foi desposar-se com D. Fernando IV, rei de Castella; acceitando, por comprazer com esta princeza, a tutoria dos infantes D. Pedro e D. João; e, finalmente, desempenhando uma importante missão diplomatica junto de D. Jayme, rei de Aragão, a cuja corte foi em companhia de D. Pedro, conde de Barcellos, filho natural del-rei D. Diniz; D. Vetaça teve bastantes occasiões de desenvolver e patentear a intelligencia, zêlo e virtudes que lhe ornavam o espirito e o coração, e o reconhecimento que a prendia aos seus bemfeitores.

Casou D. Vetaça, no anno de 1285, com D. Martim Annes, fidalgo portuguez de nobilissimo sangue, e senhor de boa casa. Por este consorcio, e com as prendas e doações que recebeu dos soberanos de Portugal e Castella, veiu a possuir avultados bens, que deixou por sua morte, achando-se viuva e sem filhos, ao cabido da sé de Coimbra.

Falleceu D. Vetaça de edade muito avançada. Jaz em um tumulo que se levanta em uma capellinha no cruzeiro da sé velha de Coimbra, do lado do evangelho.

A nossa gravura, cópia de um desenho original do sr. B. Lima, dá uma perfeita idéa do moimento.

É o tumulo de marmore. Na tampa está a estatua da princeza, vestida em habitos religiosos, e de proporções maiores que as naturaes. Repoisa-lhe a cabeça sobre uma almofada que dois anjos sustentam. Tem as mãos postas, e aos pés encostado um leão.

A caixa do mausoléo é decorada com uns escudos ovaes, tendo cada um, em relêvo, uma aguia com duas cabeças. Era o brazão da sua familia, significando as duas cabeças da aguia a divisão do antigo imperio romano em dois imperios: do Oriente, com a sua séde em Constantinopla, e do Occidente, com Roma por capital. A inscripção sepulchral diz: *Aqui jaz D. Bataça, neta do imperador da Grecia.*

Apesar do modo por que está escripto no epitaphio o nome da princeza, e de se achar tambem assim em quasi todos os escriptores que d'ella trataram, parece fóra de dúvida que se deve escrever *Vetaça*, porque é d'esta maneira que se vê no testamento da mesma princeza, cujo original se guarda no cartorio da sé de Coimbra; e, além d'isso, Vetace era, como acima dissemos, um dos nomes de seu bisavô materno.

Tanto a estatua como toda a esculptura do mausoléo é obra grosseira, o que revela bastante atrazo na arte. Os lavores da caixa estão muito gastos. Proximo d'este tumulo, acha-se na mesma capellinha outro mausoléo muito antigo, onde repoisa D. Tiburcio, bispo de Coimbra.

I. DE VILHENA BARBOSA.

UM ANJO NO PURGATORIO

(Vid. pag. 317)

VII

Pedro havia partido. Acompanhava-o Irene, ou, para fallar com mais propriedade, era elle que a acompanhava. A gentil viuvinha passára em Lisboa alguns dias, e volvia á sua casa, em Trancoso, levando agrilhoado e captivo um grande coração e uma subida intelligencia. Valiosa conquista! A mulher, acima de tudo o que é amor, paixão, tendencia d'alma, inclinação affectiva, tem a suprema vaidade, o orgulho satanico. A Eva do paraiso não é mais do que um symbolo. Quando a palavra ardente do amante se eleva como incenso aos pés d'estas divindades, quando os labios se apertam na sofreguidão de um beijo, quando os pensamentos se confundem e se ligam em nupcias divinas, ainda então a mulher suspende os intimos arrobos, para se rever e pavonear na propria omnipotencia. Contempla o adorador, e sente-se idolo; diz ao coração que deixe de palpitar um instante, e escuta socegadamente o murmurio dos protestos e a musica das confidencias.

Irene participava d'estas qualidades femininas. Víra Pedro embeber-se no seu olhar, prostrar-se em extase, cortar por quanto lhe era caro na vida, depor-lhe tudo em sacrificio, e, embora abrisse o peito aos primeiros alvores d'aquella bemquerença, regozijára-se no triumpho e embriagára-se de gloria. Atravessára ella o casamento como se atravessa o claro de um bosque; haviam sido dois annos por que não dera, dois annos para os quaes na sua vida abríra um desdenhoso parenthesis. Ligada a um velho abastado, comprára com o aborrecimento de alguns dias a felicidade de muito tempo. Fizera, realmente, um negocio de mão cheia, uma transacção inestimavel. Morto o esposo, deitou-lhe sobre a sepultura os primeiros goivos que começavam a viçar nos alegretes, e em seguida lembrou-se que a primavera reinava. Tinha razão. Quando os espiritos começam a borbulhar cá dentro, ninguem se veste de sacco para lamuriar saudades á beira de uma pedra rasa. O velho saíra do mundo e a menina entrava: nada mais plausivel. Os sessenta annos pedem a cama de terra, como os vinte pedem o leito de rosas. Irene víra tudo isto, e concordára com a moralidade da doutrina. Se não havia de concordar!...

Passados os primeiros tempos de anojamento, escrevêra a seu irmão pedindo-lhe hospedagem. Era um pedido gracioso. Bem sabia elle qual a abastança de haveres que lhe tinha ficado, e quantas peças de duas reaes effigies se apinhavam nas arquetas do solar de Trancoso. Respondeu, portanto, franqueando o lar e instando pela vinda. Pedro foi das primeiras pessoas apresentadas a Irene; conheciam-se de outro tempo, e talvez esta circumstancia influisse de certo modo nos successos correntes. Por que não? Ás vezes os embryões de um grande affecto permanecem incubados; não se sentem, não se suspeitam, decorrem os annos, e elles sempre occultos, solapados e mysteriosos. Rapido o calor aperta, os ovulos prolificam-se e desenvolvem-se, a semente faz-se planta, a rama torna-se em matta. Não ha ter mão n'esta louca exuberancia, n'esta vegetação em delirio; os rebentos engrossam, a seiva regorgita, as flores engalanam-se, os fructos amadurecem e os gomos centuplicam-se. Quando a affeição de Pedro se transformou n'uma insuperavel necessidade, quando os dois viram bem que era impossivel sopear a torrente que os empuxava, deitaram a vista em roda e perguntaram: «O que nos póde ser estorvo?»

O olhar de Irene dilatava-se rasgadamente; não era

o cyprestal da sua terra que lh'o podia deter; mas Pedro via de permeio a figura candida de Julia, e esse rio amargo de lagrimas que era difficil vadear.

— Em que pensas, Pedro? perguntou-lhe um dia Irene; por que estás triste quando devemos partir em breve? Oh! bem sei; a lembrança dos que ficam magôa-te, vacillas em os deixar. É justo. A vida na provincia é monotona, a insipidez não falta. Como posso eu doirar-te o que é sombrio? como poderás tu ser feliz? Fica. Nasceste para os encantos das cidades, ai, Pedro, e não serei eu que t'os roube.

— Irene, Irene, para que me fallas d'esse modo? Não é por ti que eu deixo tudo?... Minha mulher... coitada! Olha, filha, quando penso em partir comtigo, quando penso no que hei de gozar n'aquelle paraiso, quando tudo o que sonho é transparente e bello, não sei que dor, que negro presentimento me assalta.»

— É que me não amas, Pedro.

— Louca!

— Sim, talvez o seja; louca, dizes bem; tão louca, Pedro, que não cuido, ao estender-te os braços, senão em te apertar ao coração. Que tenho eu com tudo o mais? que preciso ver além d'isto? Louca, sim; é loucura amar sem calculo, sem receio, sem hesitações, amar cegamente, deixando o mundo murmurar sem lhe prestar ouvidos.

Aqui a viuvinha tapava o rosto com as mãos macias e pequenas, e modulava dois soluços de compuncção perfeita. Pedro chamava-a ao peito, acariciava-a, e cobria de beijos as tranças loiras e finas que desciam sobre o collo em anneis luxuriantes. N'esses momentos a pobre Julia não lhe enturvava os esplendores da existencia, nem se erguia severa entre as flores da sua phantasia. Do seu espirito desvairado varriam-se todas as idéas, e só aquella mulher se lhe esculpia formosa e sinistra. Pedro, com a sua vasta penetração, havia já tenteado o sorvedoiro. Que perolas dormiam no fundo d'aquellas aguas? que esmeraldas lhe faziam o leito? que soberbos nenuphares lhe orlavam as margens? que alvas coroas de espuma lhe fluctuavam nas ondas, simlhando capellas de innocencia? Irene tinha o mysterio dos abysmos. A vista mergulhava e perdia-se na escuridão silenciosa. Oh! os abysmos chamam. Pedro sabia-o, mas não podia fugir-lhes; faltava-lhe energia para converter-se á resipiscencia. O ananké da velha Grecia fatalista pesava-lhe em cima, cruel e implacavel.

No dia seguinte áquelle em que estiveramos juntos partiam os dois para Trancoso. Á saída de Lisboa não pôde Pedro deixar de experimentar uma vaga tristeza, tristeza que se condensava e crescia á medida que o anoitecer se aproximava. Os ultimos raios do pôr do sol, que ainda se espreguiçavam pelas montanhas, viram-n'o com a fronte inclinada e o olhar pasmado e absorto; mas quando no outro dia *a aurora abriu com os seus dedos de rosa as cortinas do oriente*, como diria um cabelleira de quinhentos, já o pesadello se lhe diluíra n'uma calda de razões bem fortes.

Lisboa perdia-se ao largo na vastidão de uns horisontes empoados, e o campo desdobrava-se ante elle com toda a acre poesia do inverno. A sua imaginação comprazia-se em povoar aquelle soberbo panorama. A manhã inundava de claridade aquellas planicies extensas, e a geada reluzia como bagas de aljofares. Na atmosphera parecia ondear um finissimo pó de oiro, e as avezinhas, sacudindo as azas orvalhadas, saíam dos emmaranhados bosques para saudar o alvorecer. Pedro despíra-se de tristezas e de remorsos, e entrava na vida com a anciedade dos primeiros tempos; arrancára do coração as raizes que o importunavam, e dissera-lhe que se engrinaldasse de redolentes clemathidas. O coração fizera-lhe a vontade. Quando elle, á janella da hospedaria em que haviam pernoitado, esperava a hora da partida, Irene aproximou-se, e correndo-lhe a mão pelos cabellos, como faria a mãe a um filhinho querido, perguntou-lhe:

— Inda estás triste, Pedro?

— Não, não estou, acudiu elle enlaçando-a, e firmando-lhe na boca um d'esses beijos longos e famintos que deixam, por assim dizer, no ambiente um perfume de lasciva ebriedade; não, não estou, Irene; é agora que principio a viver. Por que não te conheci ha mais tempo? por que te deixei fugir? Eras uma criança quando te vi em casa de teu irmão; não reparei em ti, cortejei-te, não sei que te disse, não sei que me respondeste, saí, e nunca mais no meu espirito passou um traço da tua imagem. Por que foi isto assim, Irene? Ai, anjo, anjo da minha alma, por que te não conheci eu logo?...

E cingiam-se n'um entranhado abraço, como duas rolas poderiam conchegar-se áquella hora, incitadas pelo sol de Deus.

Quando chegaram a Trancoso estabeleceram desde logo as coisas como quem tenciona permanecer. A casa de Irene era uma boa casa de provincia, farta e commoda; da propria lavra e de outros precalços, tinha Irene quanto a necessidade exige, e mesmo quanto a superfluidade recorda. Isto sem fallar nas peças enthesouradas, que dormiam o somno da beatitude. Via-se alli sem se cuidar na fome dos outros, nem na frieza das lareiras alheias. Isto para o amor era uma coisa excellente.

Houve um tempo em que os poetas idyllicos imaginaram que este musculo chamado coração podia viver sem dependencia do estomago, quer dizer, que D. Quixote podia dispensar o Sancho. Fabricaram por esse tempo uns conceitos que iam pondo na espinha a maioria dos amantes sinceros, e asseveraram que uma casa palhaça era o melhor de todos os templos edificados ao deus do amor. Fosse lá a gente duvidar da palavra dos apostolos! As filhas abandonavam os cortinados dos leitos, e iam jazer sobre a esteira bucolica; os menores de vinte e cinco annos evadiam-se ao patrio poder, e, empunhando o arrabil, vagueavam por entre os canaviaes á cata de pastorinhas. D'aqui resultaram catharros, febres intermittentes, bronchites agudas, e até tisicas em primeiro grau. A poesia patriarchal ia dando de través com a saude humana; foi preciso arremetter com ella, e expropriar por utilidade publica todas as cabanas gessnericas. Começou-se então a perceber que a paixão não exclue o conforto, e que é preferivel o amor entre o gargalaçar do Champagne e as delicias de um bom frouxel, ao que se alimenta de fructos silvestres, tendo por altar um magro feixe de hervas séccas.

Tinham passado alguns mezes depois da partida de Pedro. Eu continuava visitando Julia e procurando distrahil-a. Era baldado. Aquelle corpo debil e franzino definhava lentamente, e na lividez das faces amortecidas já por vezes se accendia o rubor da intima febre. Fazia pena ver aquelle anjo, paciente e angustiado, cravar em nós os olhos razos de agua, e dizer apertando a mãe n'um abraço:

— Pobre mãe, pobre mãe, como tu has de chorar!

A velha beijava-a e respondia-lhe com um soluço:

— Para que te amofinas, filha? Não vês que has de melhorar?... Olha, começa agora a primavera, iremos para o campo, passarás lá alguns mezes em socego; não tenhas medo, Julia, ainda és muito moça para morrer.

Eu não podia assistir áquellas scenas de desalento, em que a plantasinha se abraçava ao tronco velho e carcomido, pedindo sombra e amparo. Pedro escrevêra a principio; com o tempo foi desprezando a tarefa por inutil. N'uma das primeiras cartas dizia elle:

«Julia — Os negocios que me obrigam a estar na Beira não promettem acabar tão cedo; é natural que me demore algum tempo. Procura distrahir-te, Julia,

e perdoa-me a ausencia. Quando chegar o mez de abril aconselho-te que vás para o campo: és fraca e a cidade arruina. Conformemo-nos com o resto, bem sabes que ha precipicios. Evita-os, que pódes. Os anjos, quando vão a resvalar, libram-se porque tem azas; os homens deixam-se cair desfallecidos. Adeus, Julia. — Teu verdadeiro amigo — *Pedro.*»

Julia mostrou-me um dia esta carta: convenci-me desde logo que o mal era totalmente irremissivel. Ella ia de semana a semana perdendo o alento; queixava-se a miude, e mais a miude levava o lenço á boca descórada para abafar a tosse importuna.

— Estou, na verdade, romantica, disse-me um dia, buscando desvanecer a impressão dolorosa que o seu estado nos causava; chegou-me a enfermidade da moda, o achaque poetico, a doença da sociedade elegante. Nunca pensei subir a tamanha altura. Venturas inopinadas!... Oh! como ha de ser bom de verão, quando o dia declina por entre as quebras dos montes, e o cheiro do trevo e da baunilha é mais activo, como ha de ser bom sentar-se a gente tomando a ultima restea de sol, e adormecer na morte! Veja, meu amigo veja se é verdade ou não que o sentimentalismo me colheu agora; ai, como eu estou ridicula!

O esforço prostrára-a um pouco; cheguei-me para junto do sophá onde ella se recostára, e disse-lhe com o tom mais acariciador que a piedade me ensinava:

— Para que ha de estar a torturar-se? Chore e desabafe. As lagrimas são um grande respiradoiro; são o mel que nos adoçam os azedos da vida. Para que finge alegrias que não tem, resignações que a não confortam?... Ande, Julia, ainda ha no mundo sua mãe, a quem deve muito; viva para ella ao menos, para ella.

— Diz bem; devo viver, quero mesmo viver; a morte aos vinte annos é horrivel. Que sei eu do tumulo para o desejar?... A saudade é um balsamo. Oh! se eu podesse chorar, se eu podesse, como d'antes, sentar-me a scismar no que fui e no que gozei, e a sentir os olhos arrasarem-se de agua!... Era aquillo uma angustia consoladora. Via tudo como se tudo fosse presente, o sangue corria-me sereno e o coração descançava. Agora não. Uma dor sem pranto é como um areial deserto: a aridez mata-nos. Não sei; será o que aprouver a Deus, e Deus é bom, não é, meu amigo?... De hoje a oito dias vamos para o campo; tenho esperança em me restabelecer. Isto não é nada, creia; até hoje tenho mais appetite. Appetite... não sabe? ha muita romantica que se deixa morrer de fome. Acho exaggerada a poesia. Espere ahi... que lhe tenho eu estado a dizer?... Ai, sinto ás vezes umas vertigens tamanhas, uma oppressão tão forte... Dê-me o braço, deixe-me levantar; tenho aqui um peso horroroso.

E punha a mão no seio, e elevava-a depois á cabeça formosissima e inclinada, cabeça que eu contemplava com a adoração respeitosa com que poderia contemplar a de uma virgem.

Oito dias depois Julia partiu com a mãe para Carnide. Aquella attracção que nos leva a tudo o que nos recorda tempos melhores, havia-a chamado aos sitios onde conhecêra, onde amára Pedro. Esta attracção é pungente e ao mesmo tempo agradavel: lanceia para depois consolar. Todos sabem o que é percorrer um bosque onde o som do primeiro beijo resoou a furto, e onde se colheram as primeiras violetas para se enfeitar o seio da mulher que nos prende; todos sabem o que é olhar para a janellinha deserta onde d'antes costumavamos passar a tarde e a noite, fallando de amor e de futuro, e onde agora só vemos o musgo crescer tristonho e solitario. Por que nos attrahem estas memorias? por que nos abraçâmos a estes cadaveres? por que nos afferrâmos a todas estas reliquias do passado com a ancia do que se afoga? O *nessun maggior dolore* não é absolutamente uma verdade.

Nos primeiros tempos Julia experimentou algumas melhoras. Passeiava desde as oito horas da manhã até que o sol apertava, e de tarde, quando a calma descaía, sentava-se no jardimsinho, e ahi estava até que as sombras da noite principiavam a descer pelas encostas.

Eu visitava-a com frequencia. Tinhamo-nos affeiçoado com a estima de irmãos, com a santidade do desinteresse: ella queria-me bem por eu lhe fallar do marido, e por lhe ungir a alma ulcerada com a suave historia de outros dias: eu adorava-a pela dor que lhe via, pelo infortunio que a macerava, pelas lagrimas que um dia me haviam caído na mão, rolando das suas faces.

— Não lhe parece melhor? perguntou-me a mãe uma tarde afagando-a na testa.

— Muito melhor; parece-me menos pallida e mais animosa. Para os grandes martyrios é preciso enorme coragem. Succede cambalearmos ao primeiro golpe e resistirmos com a insistencia, é exacto. Tenho esperança que sua filha ha de convalescer, tenho-a.

— Tambem eu, disse Julia beijando a mãe na face: obrigada, meu amigo. Como lhe havemos nós de pagar tantos desvelos?... Não sabe? recebi hontem uma carta de Pedro: minha mãe não lh'o disse ainda?... Ha tanto que já não me escrevia!... Promette voltar em breve... para que ha de elle contrariar-se? Assim mesmo queria vêl-o: estou melhor, muito melhor... comtudo, posso recaír, morrer, fechar para sempre os olhos, e não os fechar olhando-o pela ultima vez. Perdoe-me, minha mãe; não faça caso d'esta ingrata.

Quando ella dizia isto as toutinegras gorgeiavam por entre os ramos viridentes da acacia, e os horisontes afogueavam-se de crepusculo. Era a hora em que as pobres criancinhas do sitio, a quem ella, como a Providencia, dava o pão de cada dia, costumavam vir beijar-lhe a mão e perguntar-lhe como estava.

Não faltaram ellas n'essa tarde. Eram cinco, loiras, brancas como a innocencia, rotas, com os pés na terra e a alma no paraiso. Vi-as aproximarem-se de Julia com a timidez dos que se aproximam de uma santa, e receberem d'aquella mão, prodiga de misericordias, a esmola e o afago. Ellas beijaram-lhe os dedos e as roupas, e todas, todas, como se a mesma idéa as salteasse, foram colher os botões de rosas que ao perto se baloiçavam. Quando lh'os depozeram no regaço, vi pelo rosto de Julia deslisar um fio de pranto, e depois vi-a cruzar as mãos sobre o peito, erguendo os olhos ao ceo. Tive vontade de ajoelhar aos seus pés e pedir-lhe que me abençoasse. Quando as criancinhas saíram levantou-se e pediu-me para a acompanhar.

— Como elles hão de chorar por mim! disse-me ella ao dar-me o braço; pobres innocentes!...

E as toutinegras ainda cantavam, saltitando por entre as folhas da acacia, e do lado do nascente a serena claridade da lua estendia-se sobre a terra como um leque prateado.

(Continúa) E. A. VIDAL.

THEMAS CLASSICOS

Poz-se uma vez á mesa el-rei D. João III, e trazia grande fastio. Estava entre os fidalgos que o assistiam um muito conhecido por discreto; disse-lhe el-rei:

— Que remedio me daes, D. Fulano, para comer, que de nenhuma coisa gosto?

— Coma vossa alteza do alheio, como eu faço, e verá como lhe sabe bem.

Assim respondeu aquelle cortezão, e rindo disse a verdade.

VIEIRA — *Sermões.*